

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA DAS MULHERES XAVANTE

Maria Aparecida Rezende – Universidade Federal da Grande Dourados /FAED

Prof. Dr. Luiz Augusto Passos – Universidade Federal de Mato Grosso /IE

Este estudo é o início de uma pesquisa que pretende compreender a educação das mulheres *A'uwẽ* da Reserva Pimentel Barbosa e Terra Indígena Marĩwatsede, registrando as ações sociais, sejam coletivas ou individuais e entender de que modo a educação escolar interferiu na educação da mulher Xavante. Os caminhos perseguirão a pesquisa qualitativa de perspectiva etnográfica. Farei a técnica da observação participante com registros no caderno de campo e gravações mediante percepções apresentadas. A história de vida fará parte deste cenário. A etnografia experienciada e o atual recorte do estudo encontram-se em sua fase inicial com pesquisa bibliográfica e desenho da proposta. Existe um conhecimento indígena analogicamente para a cultura deles, de igual relevância no seu universo sem que ela fique como inferior à ciência ocidental. Como observação participada de quem já viveu neste espaço da aldeia registro a intenção de dar continuidade na formação dos professores. Ele deve ser simultâneo à pesquisa, atendendo ao pedido das comunidades, tenho um papel significativo nesta interlocução mediadora. A educação escolar requisitada por eles precisaria ser diferenciada, como para a maioria dos povos indígenas, com vista à torná-la aliada na busca de discutir os problemas e dialogar, ainda que este diálogo seja conflituoso e negociado, mas necessário para uma relação intercultural entre duas sociedades diferentes.

Palavras-chave: educação indígena *A'uwẽ*; educação escolar; cultura indígena.

POR UMA ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO

O desejo de realizar essa pesquisa ocorreu quando eu desenvolvia um trabalho de assessoria pedagógica aos professores *A'uwẽ* de 1998 a 2000. O comportamento das mulheres me intrigava e ao mesmo tempo me fascinava, principalmente, a distância que se mantinham dos *waradzu* (não índio) desconhecidos, mantendo-se em silêncio comunicando-se com olhares de desconfiança. Somente depois de quase dois anos de convivência nas aldeias, pude perceber certa confiança e até mesmo um sentimento de amizade. Era notória a rejeição à educação escolarizada pelas meninas a partir dos dez anos. Não consegui saber o porquê dessa situação. A partir dessa idade elas saíam da escola e iniciavam o trabalho feminino de acordo com a educação da mulher *A'uwẽ*: iam buscar água no córrego, lavar roupas e utensílios domésticos e o trato com as roças de subsistência.

Observei muitas vezes o movimento das mulheres, juntamente com suas filhas indo às roças e voltando com os *siõnos* (cestos trançados de palha), cheios de produtos alimentícios produzidos em suas roças: esse trabalho seria coletivo? Como se dava a relação entre elas e o meio de produção agrícola sustentável e a divisão desses bens comestíveis para cada família? Qual seria a participação do homem na produção

agrícola? As mulheres desenvolvem a sustentabilidade: cuidam da roça de onde retiram parte dos alimentos que sustentam a família, fazem coletas de frutas e batatas nativas, carregam lenha, cuidam da casa, dos filhos e do marido.

Daí novas perguntas vão sendo desenhadas diante desse contexto desconhecido. Existe nessa organização social Xavante um sistema que “oprime” as mulheres na visão delas mesmas? Como se dá a relação no contexto feminino e masculino? Como é visto por elas, o matrimônio de duas ou mais mulheres com um mesmo homem? Como se dá essa relação? Não se tem notícia de um estudo voltado somente para as mulheres. As pesquisas já realizadas citam-nas, porém sem colocá-las como protagonistas. Talvez seja pela dificuldade de aproximação entre pesquisador(a) e elas. É um desafio realizar um estudo desta natureza. Seu ineditismo assusta, mas a espera do que possa vir é mais instigante.

Diante de todas essas indagações o foco da pesquisa versará em duas partes a princípio. Uma relacionada à educação indígena, analisando as ações sociais e individuais das mulheres e a outra procura saber se a educação escolar interferiu, sinais ou evidências disso, no modo de ser e de viver da mulher Xavante.

O contexto conhecido num “mundo” silencioso das mulheres A’uwẽ

O tema sobre a educação da mulher A’uwẽ sempre me inquietou e me trouxe curiosidades. Essa educação deve ser compreendida de um modo mais abrangente como quer Paulo Freire (2001, p. 12). “Aprender e ensinar faz parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte à criação, a invenção, a linguagem, o amor”, é nesse sentido que percebemos a educação.

Durante minha estadia nas aldeias deste povo em questão, trabalhando com os professores, pude observar o que chamarei certo domínio das mulheres. Elas se orgulham das tarefas que praticam e de serem consideradas fortes. Muitas vezes, eu assistia cenas em que elas pareciam estar bravas, mas não entendia a língua e por isso ficava limitada para interpretar parte do cotidiano delas. Aos olhos da sociedade envolvente, as mulheres desta etnia são submissas aos homens, entretanto, ao que pude perceber isso não é verdadeiro, ao que parece, têm orgulho deste modo de ser, mas são intuições de quem as observou sem prévia intenção acadêmica. Elas mostram-se valentes no cotidiano de suas vidas garantindo parte da alimentação da família.

Aos homens, cabem à caça de animais garantindo o alimento à base de proteínas, bem como as relações políticas governamentais e não governamentais em busca de projetos que auxiliem no bem estar da comunidade.

Este povo pertence ao tronco lingüístico Je, são culturalmente guerreiros, isso poderia quem sabe explicar a prática do trabalho da mulher Xavante, dando a impressão que os homens não fazem nada, atualmente.

Esse cotidiano, aos nossos olhos muito duro, das mulheres faz parte do seu processo educacional. Desde muito cedo ensinam suas filhas pequeninas, que as acompanham em todas essas atividades, repetindo alguns afazeres e criando outros.

Escolher um tema é complexo, pois como diz Paulo Freire, (1981, p. 78) “Escrever sobre um tema, implica buscar, tanto quanto possível, romper as aparências enganosas que podem conduzir-nos a uma distorcida visão do mesmo”. Isso quer dizer que primeiramente essa pesquisa é feita de intenções de buscar compreender esse mundo da mulher Xavante, que muitas vezes, o que temos são visões distorcidas dadas as aparentes situações, sobretudo aos nossos olhos gestados numa sociedade que se pretende hegemônica e etnocêntrica. De sorte que há pontos cegos em nós introduzidos por uma visão estereotipada e de tabus induzidos a manter na não consciência fenômenos sobre os quais paira a determinação de não poderem, culturalmente, ser vistos e reconhecidos. Ademais não poderei saltar o hiato intransponível de minha condição diferenciada.

Sabidamente Paulo freire (1981, p. 78) nos orienta que “escrever sobre um tema, como o entendemos, não é um mero ato narrativo. Ao apreendê-lo, como fenômeno dando-se na realidade concreta que mediatiza os homens, quem escreve tem de assumir frente a ele, uma atitude gnosiológica”. É preciso apreender o conhecimento que essas mulheres têm do seu mundo, como elas o vêem, quais são as perspectivas de vida e esperanças.

Em linhas gerais a mulher Xavante ao longo da história tem demonstrado sua força na educação e na sobrevivência do seu grupo. O fato de ter o domínio do conhecimento de alimentos do cerrado e da mata faz delas exímias coletoras e também agricultoras, pois como vimos, cabem a elas os cuidados com a roça e outros afazeres que as legitimam perseverante e insiste em manter a cultura viva como ela é.

Para além desse estudo faz-se necessário investigar se a educação escolar influenciou na educação tradicional dessas mulheres e como isso ocorreu. Para realizar essa pesquisa será necessário percorrer alguns caminhos menores para se chegar ao objetivo maior acima citado: conhecer a história dos Xavante a partir do século XVIII; identificar no tempo e no espaço as duas terras a serem estudadas: Reserva Pimentel Barbosa e Terra Indígena Marĩwatsede.

Concordando com Stuart Hall (2003, p. 13) “como pensar de forma não reducionista as relações entre o social e o simbólico?”, nesse estudo com as mulheres é preciso considerar suas relações com as simbologias existentes em sua cultura e religiosidade – o sagrado não pode ficar fora de suas relações sociais, que as identifica como mulher *A’uwẽ*. Para esse autor, (2003, p. 13) “a identidade é um lugar que se assume uma costura de posição e contexto e não uma essência ou substância a ser examinada”. Essa identidade é construída junto com sua convivência social e no contexto sócio-cultural, político e econômico.

Situando o problema

As mulheres Xavante têm práticas ecológicas ricas em experiências para o desenvolvimento do meio ambiente local que podem ser orientações para o meio ambiente regional e global da sociedade não indígena. As práticas culturais dessas mulheres são representações de suas culturas como afirma Geertz (1989, p. 10) “uma teia de significados, sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, é um contexto que podem ser descritos densamente”. Portanto, o que se pretende desenvolver nesse estudo, não é interferir no modo de ser dessas mulheres, mas sim, compreender sua cultura sem reduzir a sua particularidade. Não podemos querer interpretar uma cultura da forma como a enxergamos, pois somente quem a vive, a pratica, sabe o significado desse viver. Concordando com o antropólogo Geertz (1989, p. 19) quando escreve:

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destaca contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico quer dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana.

Sabemos que não é tarefa fácil mergulhar nas dimensões simbólicas das ações sociais, mas é preciso para adquirir vocabulários que possibilitem conversar com essa cultura. Na reserva de Pimentel Barbosa não tem missão religiosa, eles lutam para manter-se um povo autêntico. As mulheres resistem à língua portuguesa, o que me leva a entender que é uma maneira de fugir da cultura não indígena por medo de adentrar e assistir a morte de seu modo de viver culturalmente.

Em 1998 a 2000 registrei que as mulheres estudavam até sua fase de *baõno* (meninas até os 10 anos no máximo), depois elas saíam da escola e ficavam com sua educação tradicional.

As mulheres de Pimentel Barbosa sempre preocuparam com a cultura e tradição e em Leeuwenberg e Salimon, (1999, 59) “A índia *Pemei’õ* (65 anos) diz não pensar no futuro, mas em transmitir tudo que sabe para suas filhas para garantir que seus conhecimentos não se percam com o passar do tempo”. As mulheres ficam mais reclusas em casa, muitas vão até a cidade para coletar frutas como mangas e outras da época. Elas dedicam seu tempo na roça, nos afazeres da casa e aos cuidados de suas crianças, bem como confeccionando os utensílios domésticos trançados com palha de buriti.

Para entender a sociedade Xavante é importante conhecer os grupos etários com que se organizam essa sociedade. Leeuwenberg e Salimon (1999 p. 38) fazem um quadro de classificação dos grupos etários. Os Xavante reconhecem duas formas de classificação etária: uma diz respeito a idade e a outra condiz com o grupo que cada pessoa pertence. Em suas palavras os autores afirmam que:

“Cada etapa indica o grau de formação da pessoa e quais experiências de vida e sobrevivência possui. A mudança de uma fase para a próxima significa muito para a continuidade e emociona os pais e avós que relembram a sua própria iniciação”.

Abaixo podemos conferir tabela elaborada pelos referidos escritores (1999, p. 38).

AS CLASSIFICAÇÕES ETÁRIAS

Idade	Fase da vida	Homem	Mulher
0	De colo	A’i utépré	A’i utépré
0	Sentando	A’i uté	Ai’ uté
1-8	Brincando, com poucas obrigações	Watébremiti	Ba’õno
9-11	Aprendendo com os pais, preparação para a escola Xavante	Ai’repudu	Ba’õno
9-17	Formação tradicional por padrinhos e madrinhas	Wapté	Azarudo
16-22	Pós-formação, participando nos rituais e competições, aptos ao casamento	Ritéiwá	Adabá-sem filhos
23-27	Casando, assumindo função de padrinhos e madrinhas	Dañoui’wa	Araté – com filhos
28-60	Adultos, participando em todas as cerimônias e ações políticas	Iprédu	Araté – com filhos
Mais	Repassando conhecimentos tradicionais,	Ihi	Ihi

de 60	coordenando cerimônias e rituais		
-------	----------------------------------	--	--

A segunda forma de classificação tem a ver com o grupo ao qual a pessoa pertence. Nessa fase os autores não colocam as mulheres, a leitura deles é somente da formação do homem. Até mesmo porque é mais difícil homens estudarem as mulheres Xavante devido a sua educação. Veja tabela abaixo (1999, p. 39):

CICLO DOS GRUPOS ETÁRIOS

NOME DO GRUPO	PERÍODO DE FORMAÇÃO	PERÍODO EM QUE FOI/SERÁ PADRINHO
ETÊPA	1956-1960 1997-2001	1966-1970
TIROWA	1961-1965	1971-1975
NOZYB'U	1966-1970	1976-1980
ABARE'U	1971-1975	1981-1986
SADA'RO	1975-1980	1987-1990
AÑANAROWA	1981-1986	1991-1995
HÖTÖRÃ	1987-1990	1991-1995
AIRERE	1990-1995	2002-2006
ETÊPA	1997-2001	

Cada nome desses grupos tem um significado como: ETÊPA – pedra grande; TIROWA – flecha de taquara, carrapato; NOZYB'U – milho; ABARE'U – pequi; SADA'RO – mormaço; AÑANAROWA – fezes; HÖTÖRÃ – peixe pequeno; AIRERE – gabiropa. Surge a pergunta: as mulheres não têm esse ciclo de grupos etários? É possível que sim, pois elas também são madrinhas. Mudariam os nomes? Tudo isso só se sabe observando e perguntando para os sujeitos das comunidades Xavante, na voz das mulheres.

Sem querer entrar na discussão da ciência do comportamento humano, utilizarei o respaldo teórico do Eisenstadt, (1976, p. 4-5) que faz abordagens acerca da importância dos grupos etários em algumas organizações sociais:

[...] A passagem de um indivíduo pelos diferentes estágios é algo que não só a ele diz respeito, mas uma questão de importância crucial para todo o sistema social, enfatizando os perigos em potencial da descontinuidade e ruptura e a necessidade de superá-los.

Os Xavante praticam todos os rituais, que segundo eles, vêm fazendo há séculos. Orgulham-se de todas as suas festas e também fazem propaganda desses grupos da

última tabela. Brincam-se entre grupos simulando “xingamentos” de um grupo ao outro: airere, etêpa e outros. Todos os anos os Xavante fazem festas, dão seqüência aos diversos ritos de suas tradições.

Os grupos etários – relacionam-se com o *tempo* - são muito importantes para a organização desse povo. Os *wapté* que entram juntos no *Hö* para iniciar seu treinamento por padrinhos e madrinhas possuem uma identidade comum. Enquanto os homens estão sendo formados na casa dos homens (*Hö*), tudo indica que as mulheres vão se formando em casa no convívio com a família e com seus grupos etários. Ao longo dos anos os Xavante vêm mantendo o seu modo de ser e têm medo de perder sua cultura. Por volta de 1940-41, o contato foi inevitável para o grupo de Pimentel Barbosa. A partir daí toda sua trajetória de vida foi historicizada com a presença dos não indígenas, mas com o orgulho de ser *A'uwẽ*.

A trajetória da pesquisadora junto a este povo

Desde 1998 a 2000 em que iniciei meu trabalho com os professores Xavante de Pimentel Barbosa que fiquei com várias indagações sobre as mulheres daquelas aldeias: Tanguro, Caçula e a própria aldeia Pimentel Barbosa que era a maior – aldeia-mãe, pois dela nasceram às outras.

Naquela época, as mulheres não falavam a língua portuguesa, talvez isso distanciasse a nossa comunicação. As mulheres mais idosas do grupo não demoraram muito para me acolher, uma família na aldeia Tanguro, outra na Caçula. Na Pimentel Barbosa (aldeia-mãe) eu fiquei menos tempo morando lá (nas outras aldeias era comum ficar dez dias por mês, durante dois anos) e nessa aldeia ia menos. As mulheres mais jovens ficaram distantes por longos meses. Depois de um ano começaram a me convidar para ir ao córrego lavar roupas, vasilhas, buscar água para cozinhar e beber. Mas nunca fui convidada para ir à roça.

Eu tentava compreender aquele mundo “estranho” aos meus olhos, mas percebia que não era possível interpretar o que pensavam aquelas mulheres ao meu respeito e nem eu a elas. Um episódio marcante nessa minha trajetória nas aldeias, logo no início do meu trabalho com o povo Xavante, numa das aldeias, eu chorava muito a perda do meu irmão que havia falecido recentemente. Situação semelhante era sentida por uma família que também tinha perdido seu ente querido. As mulheres choravam num lamento triste com gemidos altos e estranhavam meu choro silencioso. Preocupavam-se com minha maneira de extravasar a dor. Este é o registro que ficou em minha mente,

naquele momento em que eu vivenciava essas cenas dentro de um contexto de perda e dor, principalmente a tardezinha o choro era iniciado. A partir da pesquisa de campo este aspecto será observado, pois se trata da educação da mulher *A'uwẽ*.

Essa história demarca fronteiras entre o pensamento da cultura *A'uwẽ* e o meu: elas choravam alto num grande lamento e acreditavam que aquela forma de chorar era uma estratégia para tirar a dor da saudade e eu derramava lágrimas em silêncio, com uma dor que atravessava a alma, acreditando apenas que talvez o tempo pudesse amenizar tamanho sofrimento.

E neste contexto entre duas culturas diferenciadas fomos (eu e as mulheres *A'uwẽ*) nos relacionando e procurando entendermos a estranha maneira de viver. Por isso, quando chega *waradzu* (não índio), na aldeia as mulheres mantêm-se um pouco afastadas, os homens aproximam-se para saber o que está acontecendo. As negociações muitas vezes são realizadas com os homens. O planejamento do nosso trabalho com os professores era realizado nas reuniões do *warã*¹. As mulheres ficam de longe observando, sem aproximar. Qual é a participação delas nas reuniões do *warã* mesmo sem a suas presenças?

Eu as via, indo para as roças no período da manhã, sempre em grupo, depois voltavam com os cestos cheios de mandioca, batatas, frutas e outros. Por vezes traziam lenha. Junto com esses cestos traziam os filhos de colo.

A idéia da pesquisa surgiu durante esse pouco tempo de convivência (dois anos) com essas mulheres. Muitas indagações estão à espera de percepções mais sistematizadas. Que educação essas mulheres recebem para viver em coletividade? Existem diferenças entre a educação para o menino e para a menina? Quais são as organizações que elas têm para viver o mundo da mulher Xavante? Quais são suas perspectivas do futuro? O que esperam da educação escolar? Ela faz diferença em seu convívio social?

A proposta é olhar as dimensões da ação social e mergulhar no meio delas. É conhecer o contexto da educação feminina das mulheres *A'uwẽ*: da gestação à fase da “velhice” relacionada aos meios de produção e da sustentabilidade por meio do trabalho na Reserva de Pimentel Barbosa. Estender esse estudo para uma professora Xavante, da Terra Indígena de *Marawaetsede*, tentando saber se a educação escolarizada interferiu positivamente ou negativamente nessa educação da mulher *A'uwẽ*.

Na Reserva de Pimentel Barbosa, município de Ribeirão Cascalheira MT, pretendo observar a educação tradicional feminina no contexto de suas ações coletivas e individuais. Já na Terra Indígena *Marãiwatséde*, município do Alto da Boa Vista MT, descobrir até que ponto a educação escolarizada interferiu na educação indígena da mulher *A'uwẽ*. Escolhi uma professora, que fez Ciências Sociais na Licenciatura Indígena 3º Grau (hoje por nome de PROESI) na UNEMAT para compreender o lugar dessa escolarização na educação de uma mulher *A'uwẽ*. A pesquisa pode sofrer alterações ao longo do estudo, pois quem convive com sociedades indígenas sabe que tudo depende do grupo pesquisado.

Ao longo da pesquisa contribuirei com essas comunidades naquilo que elas necessitam e pedem sempre: auxiliar na formação continuada dos professores *A'uwẽ*. Atualmente a maioria deles está cursando o magistério no Projeto *Hayô*, (magistério indígena) mas entendem que um curso para os professores daquela localidade, deve ser orientado para a dimensão pedagógica, política e cultural dos *A'uwẽ*. Quero auxiliar na discussão da sistematização de suas escolas em educação escolar indígena, assessorá-los no trabalho escolar, seja orientando a construção do Projeto Pedagógico, seja com oficinas e outras assessorias que forem necessárias.

Refletindo sobre o caminhar da pesquisa

Meu propósito maior é conhecer a organização social e educativa das mulheres *A'uwẽ*. A pesquisa terá como foco o registro de minhas percepções acerca dos detalhes do modo de ser e de viver da mulher Xavante. Observarei em que aspecto o trabalho da roça e da coleta realizado por elas podem ser considerados um modo de sustentabilidade para este povo.

O procedimento metodológico perseguirá alguns passos. Em primeiro lugar marcar uma reunião com a comunidade para apresentar o propósito do estudo. Fazer reunião com as mulheres e conversar sobre a minha intenção. Visitas constantes às aldeias para *revivenciar* o cotidiano delas em todas as fases de vida e registrar essas percepções. Organizá-las-ei por meio do caderno de campo, de gravações e outros modos que forem permissíveis por elas como a fotografia.

Diante deste contexto atual, diferenciado do cotidiano por mim vivenciado em outros tempos, enfrentarei alguns desafios como: a) limitação lingüística, a falta de domínio da língua Xavante. Compreender a língua é fundamental, mas por enquanto terei que contar com o compromisso de interpretes; b) o afastamento da área e a reconquista da confiança da comunidade; c) o registro da pesquisa – o que registrar e o

que não registrar – responsabilidade da pesquisadora diante do não dizível mundo dos *A'uwê*.

É nesse campo das incertezas que irei dialogar com as mulheres, para compreender suas ações coletivas, seus “mundos” singulares sem perder a pluralidade da comunidade. Todas as ações descritas e intencionadas são possibilidades, nada é definitivo. A vivência, as minhas percepções e o desejo de continuar compromissada com a comunidade e com as mulheres podem indicar outros caminhos diferentes que mudarão o curso da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

EID Arthur Shaker Fauzi. **Romhõsi'wai hawi rōwa'õno re ihöimana mono: a criação do mundo segundo os narradores xavante.** (tese de doutorado), Ed. Bertrand Brasil (no prelo), RJ.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A, 1989.

GEERTZ, Clifford. **O saber local.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.

HALL, Stuart. Liv Sovik (organizadora). **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LEEUWENBERG, Frans; SALIMON, Mário. **Para sempre A'uwê: os Xavante na balança das civilizações.** Brasília DF, 1999.

RAVAGNANI, Osvaldo Martins. **A experiência Xavante com o mundo dos brancos.** [Tese de Doutorado], São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1978.

S. N., Eisenstadt. **De geração a geração.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.